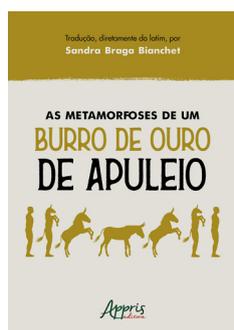




APULEIO. *As Metamorfoses de um Burro de Ouro.*
Tradução diretamente do latim por Sandra Braga BIANCHET.
1. ed. Curitiba: Appris, 2020. 295 pp. ISBN 9788547345723.
 Book Review

Gelbart Souza Silva¹

<http://orcid.org/0000-0003-2782-9890>
 gel_bart@hotmail.com



DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v10i2.53620>



O madaurense Apuleio (II a.C.) é autor de um dos mais famosos romances antigos² escritos em latim.³ Ao lado de *Satíricon*, de Petronônio, suas *Metamorphoses* se tornaram parte da trajetória da ficção em prosa no Ocidente e suas influências se veem, por exemplo, no romance picaresco espanhol.⁴ No Brasil, podem ser citados *O burrico de Ouro* (1951), de Léo Vaz, e *O motoqueiro que virou bicho* (2012), de Ricardo Azevedo.⁵

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, sob a orientação do Prof. Dr. Cláudio Aquati. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES.

² Para a conceituação de “romance antigo”, cf. BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A invenção do romance*. Brasília: Editora da UnB, 2005.

³ Além do *Satíricon* e de *O Asno de Ouro*, o *corpus* do romance antigo em latim conta ainda com obras menos conhecidas, como as crônicas troianas de Díctis e Dares e a *História de Apolônio, rei de Tiro*. Cf. HOFMANN, Heinz. *Latin fiction. The Latin Novel in Context*. London: Routledge, 1999.

⁴ POCIÑA PÉREZ, Andrés. Comparações impróprias e próprias para tentar compreender um gênero indefinido: Petronônio, Apuleio e o Quixote de 1605. In: OLIVEIRA, Francisco de; FEDELI, Paolo; LEÃO, Delfim (coord.). *O romance antigo – origens de um gênero literário*. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 2005.

⁵ Para uma visão geral, cf. SANTOS, Vinícius Medeiros dos; AQUATI, Cláudio. Lúcio, de Apuleio, numa perspectiva comparativa: retomadas e avanços. *Mosaico*, v. 17, n. 1, 2019.

O romance apuleiano recebeu ainda outra nomeação, que ganhou maior prestígio que aquela. Se, por um lado, *Metamorphoseon Libri XI* é um título mais descritivo do conteúdo narrativo e, ademais, o liga a uma tradição literária-mitológica das transformações corpóreas, por outro, o apelido *O Asno de Ouro* traz no sintagma um animal ralé com uma aposição positiva; junta-se, pois, algo baixo com o alto, o infame ao sublime. Embora possa, à primeira lida, ser apenas um exemplo de oxímoro, ao conhecer o texto de Apuleio, o leitor entenderá que essa nomeação se deu em razão de ser “uma história de ouro, para ser lida, de ouro para ser apreciada, de ouro porque de ouro mesmo, tão extraordinária era; e o restritivo implica num julgamento.” (GUIMARÃES, 1963, p. 7). Considera-se Agostinho o pai desse áureo título. Com efeito, em *De Civitate Dei*, lê-se a seguinte passagem:

contudo, [a metamorfose] não lhes fazia a mente se tornar bestial, mas manter-se racional e humana, tal qual Apuleio, em seu livro intitulado *O Asno de Ouro*, relata ou inventa o que lhe teria acontecido: tomou uma poção e virou asno, permanecendo, porém, com a razão humana.⁶

Se considerarmos que uma obra passa por uma “metamorfose” quando traduzida, recentemente o romance de Apuleio recebeu uma nova transformação, agora pelas mãos de Sandra Maria Braga Bianchet. Graduada em Letras (português-latim-alemão-inglês) na Universidade Federal de Minas Gerais (1990), fez seu mestrado em Estudos Linguísticos na mesma Universidade (1996) e doutorado em Letras (Letras Clássicas) pela Universidade de São Paulo (2002), e atua como professora titular de língua e literatura latinas na instituição onde se graduou. Em sua tese, estudou e traduziu o *Satyricon*, de Petrônio, e em diversas produções lida com o romance apuleiano e com o latim.

Essa nova tradução goza de uma ousadia desde o título: *As metamorfoses de um burro de ouro*. Segundo a própria tradutora, é um título “não usual, talvez ousado”. A junção de fato é insólita, inédita, mas, a brincar, “áurea”. Embora não explique mais os motivos dessa escolha, vale pensar que trazer ambos os títulos em um só é imiscuir as duas características que apontei acima, é juntar título descritivo e título avaliativo-simbólico, é confluir heranças literárias em um curso único.

Em alguns pontos, a ousadia na decisão tradutória se faz ainda mais evidente. A exemplo do proêmio em que, a respeito da estória que será narrada, diz-se: *Lector intende: laetaberis*⁷; as três palavras são expandidas assim por Bianchet: “Leitor, segure firme: você estará em companhia

⁶ nec tamen in eis mentem fieri bestialem, sed rationalem humanamque seruari, sicut Apuleius in libris, quos asini aurei titulo inscripsit, sibi ipsi accidisse, ut accepto ueneno humano animo permanente asinus fieret, aut indicauit aut finxit. (AUGUSTINI DE CIVITATE DEI LIBER XVIII, [XVIII]). *Tradução nossa*.

⁷ A frase é vertida por Francisco António de Campos em “Leitor, atenção e alegrar-te-ás” e por Ruth Guimarães em “Atenção, leitor: ela vai-te alegrar”.

de encanto e prazer!”. Ainda no proêmio, a expressão *sermone isto Milesio* recebe um acréscimo explicativo que, mesmo breve, já resolve a necessidade de nota de rodapé. Bianchet escreve “com esse meu estilo milesiano de falar — exótico e erótico”.

Veja-se outro exemplo que chama a atenção: *Ecce Socraten contubernalem meum conspicio*, que ficou: “De repente, não mais do que de repente, vi Sócrates, meu amigo do peito.” (I, 6). A escolha da tradutora em “De repente, não mais do que de repente” para a ocorrência de *ecce* (“eis”, “eis que”) indicando a mudança de situação pode ser, com razão, criticada, uma vez que faz uma palavra em latim tornar-se um fraseado bem mais longo do que o necessário. Essa decisão, contudo, traz, por meio da intertextualidade, uma riqueza própria da cultura e da literatura brasileiras ao evocar o *Soneto de separação*, de Vinicius de Moraes.

Essa intertextualidade se vê ainda em outros momentos. Cite-se, por exemplo, na descrição de Lâmaco, comandante de ladrões: *At vos, qui Boeotias urbes adpetistis*, ipso duce vestro fortissimo Lamacho *deminuti debilem numerum reduxistis*; “Vocês foram para a região da Beócia e voltaram em número bem menor — perderam até Lâmaco, o poderoso chefe do grupo de vocês” (IV, 8; grifos nossos). Onde qualquer um poderia ler “inclusive o mui corajoso Lâmaco, comandante de vocês”, Bianchet vê a sagaz oportunidade de sacar de dentro de *duce fortissimo* a referência ao título do filme dirigido por Francis Coppola, *The Godfather* (1972), cuja tradução, peculiar, no Brasil é *O Poderoso Chefe*, diferente da literal encontrada em Portugal (*O Padrinho*), na Itália (*Il Padrino*) e na França (*Le Parrain*). Por consequência, só quem assistiu ao filme ou o conhece pela distribuição brasileira teria o repertório para “pegar a referência”. Essa intertextualidade não elucida o texto, nem o explica, mas o adorna para o leitor. Resultado dessa decisão de tornar trechos neutros em intertextuais é o leitor ficar atento ao jogo e acabar encontrando referências intencionais ou não. Por exemplo, o par *onere vecturae* (IV, 21), traduzido como “carga pesada”, pode levar um leitor a uma cilada, fazendo-o recuperar a série homônima da rede Globo onde talvez fosse apenas uma tradução literal.

Mais algumas decisões interessantes: primeiramente, a interjeição *hercule*, que fica “poxa vida”; no livro IV, a escolha por “molambudo”, palavra de cara brasileiríssima, para traduzir *pannosus* (9); para *totius multitudinis*, escreve “daquele mundo de gente” (22); anteriormente, havia aparecido “a união faz a força” para *confertae manus* (18); já no livro V, 15, para *ventoso vehiculo*, descrevendo como as irmãs de Psiquê viajam levadas pelo sopro de Zéfiro, Bianchet sintetiza o sintagma em “ventomóvel”, que nos faz lembrar de “batmóvel”; no livro VII, 12, vale comentar *sed, quod solum poteram, tacitus licet serae vindictae gratulabar*, que Bianchet traduz assim: “contudo, era ficar calado e me felicitar pela vingança obtida, ainda que tardia.”, recuperando em *serae* o que eu chamaria de “intertextualidade da intertextualidade”, uma vez que “ainda que tardia” me lembra primeiro o lema da bandeira mineira para, só depois, remeter a Virgílio, de onde *libertas quae sera tamen* mineiro derivaria; neste mesmo livro, um pouco antes, aparece outra expressão idiomática, essa

curiosamente mais perto do latim do que se esperaria: “meu silêncio instantâneo fosse visto como ‘quem cala, consente’” (VII, 3; *praesens viderer silentio consentire*).

Diante dessa breve descrição, parece mais do que notável o esforço da tradutora em imprimir nessa nova metamorfose do romance apuleiano marcas distintivas que tornassem seu texto algo novo, uma nova forma de ver a obra apuleiana. Concordo com Antônio Martinez de Rezende quando, no prefácio da tradução, afirma ser reconfortante “sobremaneira saber que agora Apuleio fala português, sem sotaque e com a mesma verve.” (p. 11). Em meu parecer, a distância que Bianchet toma do texto latino desenha um espaço curioso, que merece uma investigação maior no tocante ao labor inventivo e às decisões tradutórias. Cabe dizer, por enquanto, que a tradutora não escorrega para a demasia de explicações, nem recorre a excessivas notas de rodapé. As mencionadas decisões ousadas talvez sejam demandas de se fazer ouvir um “Apuleio brasileiro”, um contador de histórias que, embora culto, pois o é Lúcio, não soe latinizado ou de antanho. Como bem comentou Rezende, “A boa tradução de uma obra antiga é necessariamente via de mão dupla, que traz o texto à contemporaneidade e conduz o leitor à antiguidade.” (p. 11). Acrescento que as conexões intertextuais modernas incrementadas pelas teclas da tradutora se agregam às já antigas inseridas pela pena de Apuleio, confluência que torna a leitura ainda mais dinâmica. O resultado da empreitada de Bianchet é um texto inédito, diferenciado e, por fim, ousado.

Referências bibliográficas

- AGOSTINHO. *De civitate Dei (XVIII)*. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/augustine/civ18.shtml>>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- APULEIO. *O Asno de Ouro*. Introdução e tradução de Ruth Guimarães. São Paulo: Cultrix, 1963.
- APULEIO. *O burro de ouro*. Tradução de Francisco António de Campos. Lisboa: Estampa, 1978.
- APULEIO. *O burro de ouro*. Introdução e Tradução de Delfim Ferreira Leão. Lisboa: Cotovia, 2007.
- APULEIO. *As Metamorfoses de um burro de ouro*. Tradução de Sandra Braga Bianchet. Curitiba: Editora Appris, 2020.

